

**A SEGUNDA PELE NA ARQUITETURA INVISÍVEL:
O corpo e seu “espaço-roupa”**

*THE SECOND SKIN IN THE INVISIBLE ARCHTECTURE:
The body and your “cloth-space”*

Autora: Marina Carmello Cunha (Programa de Pós-graduação em Arquitetura e
Urbanismo – UFBA)

Resumo

Da relação do corpo com a vestimenta, o intervalo entre corpo e mundo, e destes com a cidade que os cerca. Sobre interferências e fronteiras. Como habitar a roupa? Reflexões das relações entre os moradores de rua, suas vestimentas e a cidade.

Palavras chave: corpo; roupa; moradores de rua.

Abstract

Of the relation of the body with the cloth, the interval between the body and the world, and with the city that involves this. About interferences and frontiers. How to occupy the cloth? Reflections of the relations between street dweller, their clothes and the city.

Key words: body; cloth; street dweller. Second peel in the invisible architecture

Entre tendas, cabanas e cavernas os sujeitos se formaram. Nômades, caminhando em busca de suprimentos até o encontro com a estabilidade plantada em solo fixo, solo da produtividade e da domesticação. As voltas desse solo fértil uma comunidade nasce e se desenvolve. A cidade se forma aos poucos. Suas relações de comércio, vizinhança e moradia se transformam o tempo todo.

O corpo, passando por essas transformações espaciais e relacionais também se transforma, porque o espaço é construído por ele e para ele. Mas um modifica, afeta e condiciona o outro de diversas maneiras, corpo e espaço tencionando o pequeno fio que os une e separa.

Quando ainda nômade, o homem passa a perceber seu próprio corpo, suas sensações e relação com a natureza, compreende que pode adorná-lo, pintá-lo e protegê-lo. É necessário se cobrir para não sentir tanto frio ou calor, se pintar para ficar camuflado e seguro ou representar uma idéia no meio onde vive e encontrar maneiras de transportar consigo armas, alimentos, bebidas e filhos (SALTZMAN, 2007). Suporte e espaço de expressão desde os mais antigos registros da humanidade, o corpo nas sociedades primitivas é local de manifestações e intervenções – pinturas, cicatrizes, etc. Basicamente formado e caracterizado por sua composição genética, desenvolvimento e vivências, o corpo mapeia as etapas da nossa vida, as quais são expostas através da atitude corporal, postura e movimentos. O corpo relaciona-se diretamente com o espaço através da pele e dos sentidos. “*O ser humano adquire seu aspecto físico, não somente nasce com ele*” (SALTZMAN, 2007, p.21).

Ao sair da barriga da mãe, onde tem conforto, calor e alimento, o bebê precisa aprender a lidar com os movimentos do seu corpo, os bracinhos descontrolados e as pernas que se movem ainda somente a partir de reflexos. Os movimentos novos, com os quais antes não se deparara tão drasticamente, eram limitados devido ao pequeno espaço que o abrigava dentro do ventre materno. Sua pele ainda fina já contém sua identidade, mas o condicionamento do corpo, sua formação adquirida, começa a ser radicalmente percebida quando, depois de conhecer a liberdade dos movimentos por alguns momentos, o embrulhamos em tecidos, formando uma espécie de casulo que o mantém quente e protegido, quase como no espaço que outrora ocupava. Sua relação com o novo é apaziguada pelas cobertas e roupinhas de lã. Seus

movimentos, guardados para outro momento. Tem entre ele e o mundo, um espaço particular, onde sua intimidade e fragilidade são preservadas. O ser humano, desde pequeno, aprende a lidar e a conviver com um espaço chamado roupa.

Fraldas, tecidos, roupas, paredes, portas, edifícios e a própria cidade. A vida cotidiana é cercada de camadas, espaços dentro de espaços onde convivemos a vida toda, todo o tempo. É como se cada indivíduo possuísse inúmeras peles sobrepostas. Essa é a idéia pela qual trabalhou o artista Hundertwasser. Para ele cada corpo é cercado por cinco peles: a epiderme, a roupa, a casa, a identidade social e o meio global – incluindo aí fatores como ecologia e humanidade. A primeira pele, a epiderme, é invólucro, camada sensível, viva, constituinte do corpo, inspira e expira as necessidades mais básicas do ser humano. É a ligação entre o “Eu” e o mundo (RESTANY, 2003). É essa camada que coloca o indivíduo em contato com os espaços que o envolvem. A epiderme tem ligação direta com a segunda pele, a vestimenta.

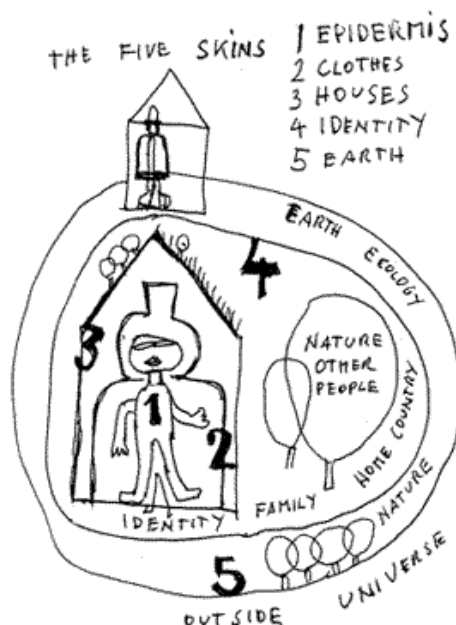


Fig. 01 - Ilustração de Hundertwasser representando as cinco peles

Para Hundertwasser, o vestuário é um meio de expressar a criatividade e deve ultrapassar as barreiras da “uniformidade, da simetria e da tirania da moda” (RESTANY, 2003, p.38), deve seguir os caminhos da subjetividade do sujeito. A segunda pele cobre, protege e abriga a primeira e é diretamente ligada a quarta pele, o meio social. Consideremos aqui o meio social como a

cidade onde o corpo vive, cruzando fronteiras muitas vezes invisíveis, construindo e desconstruindo espaços de troca. Aqui a terceira pele é deixada de lado para podermos falar dos *homens lentos*, dos *errantes*, os *vagabundos*¹, os nômades da contemporaneidade, os homens e mulheres que vagueiam e efetivamente vivem a rua: os moradores de rua.

Quando a terceira pele, a casa, não faz parte do universo de um indivíduo, toda a privacidade é excluída e suas atividades cotidianas naturais passam a serem feitas nas ruas (MATOS, 2008, p.44). Sua única parede visível e palpável é a vestimenta, todas as outras são invisíveis. Aí a relação com o meio social, a cidade, fica comprometida e frágil.

“O corpo deste indivíduo confunde-se (...) com o objeto casa e, como se fosse um caracol, carrega em si mesmo sua casa-corpo onde quer que vá, agenciando e alimentando-se dos espaços abertos a sua volta”. (MATOS, 2008, p.45)

Esses caracóis urbanos vivenciam uma arquitetura *“invisível, deflagrada (...) pela dinâmica urbana e inquieta, própria de uma cidade complexa”* (MATOS, 2008, p.28). A *segunda pele* e a *arquitetura invisível* se relacionam mutuamente, uma cobre a outra e ambas tentam cumprir duplos papéis, de roupa e de parede (fronteira). Confundem-se e mesclam-se o tempo todo, são a fronteira, a linha divisória entre o corpo e o mundo. A *“casa-corpo”* vem sempre revestida por uma roupa.

A roupa se faz espaço de vivência, contato primário que é o intervalo entre corpo e mundo. Mas como se dá a relação do corpo com a vestimenta?

Habitamos todos os dias nossas calças jeans, camisetas, jaquetas pesadas, vestidos leves ou bermudas de mergulho. E, por elas, somos abrigados e protegidos. Para cada situação e necessidade *habitamos* uma roupa diferente e sentimos algo diferente dentro dela.

Um ser humano *habita* durante sua vida uma diversidade imensa de espaços, desde o útero da mãe passando pelos mais inusitados e inesperados lugares. *Habitar* refere-se à relação entre o sujeito e o contexto. Segundo o arquiteto Roberto Doberti, citado em Saltzman, *“habitar é a ação que se produz em virtude da relação entre as estruturas (de espaço, objeto, formas) e os comportamentos sociais”*. O ato de *habitar* expressa o vínculo entre o indivíduo e o mundo tangível (SALTZMAN, 2007). Pode-se ainda afirmar que o termo

habitado quer dizer do espaço somado a outro elemento, o homem. É um ato que se completa mutuamente com a ação do ser humano e o ambiente vazio. Mas o que acontece se afirmarmos que a própria vestimenta é habitação? Segunda pele, superfície, zona de limite, que envolve, rodeia, cobre. Ambiente vazio a espera de um corpo que o complete.

Afirma Quinn que as pessoas modernas “*habitam o próprio corpo*” (MELLO, 2007). Efetivamente o fazem os moradores de rua,

“o corpo deste indivíduo confunde-se com o objeto casa e, como se fosse um caracol, carrega em si mesmo sua casa-corpo onde quer que vá, agenciando e alimentando-se dos espaços abertos a sua volta (...). Sendo espaço corpóreo a única referência arquitetônica e a única fronteira territorial que possui, para continuar existindo cabe ao morador de rua transbordar da esfera física que compreende o seu corpo, instrumentalizando o espaço por onde se orienta e se expande. O corpo-casa ambulante é, neste caso, e assim mesmo além do referencial físico, uma estrutura visível que como um ímã carrega junto ao seu corpo um universo de espaços imaginários onde quer que vá”. (MATOS, 2006, p.45)

Corpo que, socialmente, se apresenta vestido.

Independente da situação, a roupa regula o vínculo entre o corpo e seu entorno. Seja buscando proteção, conforto, estética ou simplesmente seguindo uma regra comum, vestir-se é um hábito e uma necessidade humana. Cada tecido e forma transmite para o corpo e para o mundo alguma coisa. A roupa torna-se um ambiente duplo, que se projeta para dentro e para fora. Para dentro, é o primeiro e mais próximo contato da epiderme, provocando os sentidos e, para fora, ilude os olhos do observador, revela ou esconde o corpo, cria estruturas e sensações visuais (SALTZMAN, 2007).

A vestimenta afeta diretamente a qualidade e o modo de vida de quem a usa: suas percepções, sensações, sexualidade e a noção de seu próprio corpo. Por outro lado, é esse corpo que sustenta, dá estrutura, forma e conteúdo a roupa. Sem sua estrutura, a vestimenta é somente mais um pedaço de tecido cheio de emendas. Sem o corpo, a roupa está “morta”.

O *espaço-roupa* é e deve ser mutável. Como primeiro espaço de contato com o corpo e interceptor da relação dele com o mundo, a vestimenta é uma

estrutura que se adapta aos movimentos e necessidades de cada indivíduo. Chegamos a um ponto crucial: o movimento. Se a roupa é abrigo, é também um espaço móvel, movido pelo corpo que cobre. É, então afetada e modificada a cada mudança de entorno e, dependendo do contexto – paisagem, ambiente, temperatura, luz, cultura, sociedade, tecnologia, recursos e economia (SALTZMAN, 2007, p.14) - tem a capacidade de adaptar-se e desempenhar funções distintas.

Nas ruas da cidade as roupas são nossos abrigos, cabanas que carregamos próximo ao corpo com formatos padronizados e ao mesmo tempo adaptados a nossas silhuetas. As vestimentas e suas extensões interferem na maneira com que o corpo interage com a cidade, mudando caminhos ou simplesmente sendo interlocutora das ações entre dois espaços. Estabelecem ou destroem as fronteiras entre os corpos e o espaço. São *dispositivos de potencialização* (ou não) das relações de alteridade e subjetividade na cidade. A roupa pode ser um dispositivo transformador da esfera urbana.

Mas qual o papel da vestimenta para os que vivem nas fronteiras? Os moradores de rua, donos de corpos à margem, reinventam diariamente seus sentidos espaciais, vivem em trânsito. Nas tentativas de superar o sistema criam e recriam sua vida, sua personalidade, sua existência. A roupa o insere e o afasta do meio social. O insere porque é o meio de apresentação social do corpo e o afasta por não ter condições de seguir padrões estéticos e de limpeza. A vestimenta é sua fronteira com o mundo, com a cidade. É parte da parede invisível que o cerca, se confunde com ela e ainda assim pode ser outra coisa. A roupa pode ser espaço inventivo. Se estiver à margem, se a roupa não for adequada, é preciso usar da invenção. É preciso trazer a tona o caráter subjetivo do sujeito, é preciso adaptar-se, é preciso ser criativo.

Os moradores de rua, no improviso do dia-a-dia, criam soluções práticas para suas necessidades físicas ou psicológicas. Na interpretação mais bruta do termo *design*, o processo de projetar algo inicia-se na suposição de um objeto imaginário e culmina na realização de um objeto material: nasce em uma idéia e se concretiza em uma forma (SALTZMAN, 2007). Dessa maneira, ousou dizer que são *designers* informais os que vivem pelas ruas, projetando objetos para melhorar a maneira de *habitar*, sem compromisso com prazos e custos, porém

concretizando idéias que solucionam problemas reais de conforto, intimidade e transporte de objetos, criando “improvisos arquitetônicos transportáveis”. Afinal,

“A arquitetura não pode ser outra coisa senão o interesse pela vida cotidiana (...); é como o vestuário, que não deve apenas nos vestir, mas ajustar-se bem a nós. Seja lá o que se faça, onde quer que se organize o espaço e de que maneira, ele terá inevitavelmente certo grau de influencia sobre a situação das pessoas (...)” (HERTZBERGER, 1999, p.192).

Ultrapassar fronteiras, quebrar barreiras e habitar um espaço transportável não são os únicos conflitos e desvios que esses *homens em farrapos*² enfrentam.

Ao vestir-se com uma roupa comprada para outra pessoa, que não se encaixa ao seu corpo, seu tamanho e seus gostos pessoais, ao vestir-se das sobras, das beiradas (ao vestir-se da própria fronteira?), ele tem espaço para criar adaptações, para ter uma roupa nova, feita para suas necessidades. A roupa é sua tenda. Abriga o corpo, cobre-o, protege-o ou o expõe. A tenda, em sua origem tem os mesmos papéis da roupa no meio urbano: abriga e protege de certas coisas, mas expõe, denuncia a presença. Seu corpo nômade habita efetivamente sua vestimenta.

Qual a relação desse corpo nômade e fronteiro - que vagueia vestido - com o espaço urbano? Espaço que é seu e ao mesmo tempo é a rejeição de sua existência.

A cidade se insere em nossos corpos, se abriga em nossa pele, em nossos cabelos, olhos e pensamentos. A cidade habita em nós. Mas que mudanças a roupa causa em nossa relação com a cidade? Permite o acesso à rua, mas também impede a absorção direta de suas características, separa o corpo do meio e é o próprio meio. Até que ponto a vestimenta é capaz de influenciar seu entorno, a própria cidade, as relações de alteridade? E até que ponto a cidade influencia a vestimenta, seus usos, suas adaptações? *“Todos nós manifestamos uma visão de mundo e, na maior parte do tempo, não nos damos conta dos signos que vamos emitindo”* (PRECIOSA, p.29 – 30, 2005) e que, da mesma forma, a cidade emite em nossa direção. E os moradores de rua, que vivem a cidade mais que qualquer outro, que tem a roupa como segunda pele efetivamente, que signos emitem? E quais os que os alcançam?

Estamos aqui o tempo todo questionando o corpo, a vestimenta e a cidade. Questionando mais profundamente a relação entre os três. Imaginamos quão diferente seria a relação do corpo e do espaço urbano sem o ruído da roupa, afinal *“o homem nu não teria a capacidade de ousar que tem o homem vestido; protegido e retocado pelo traje. Seria o mesmo o homem que entrar em batalha totalmente exposto e sem defesa de seus pontos vulneráveis”* (CARVALHO, p.20, 2010).

Terminamos ainda sem respostas concretas, buscando entender a força desse espaço de vivência (a roupa), que junto ao corpo atravessa ou cria fronteiras nas cidades. Com certeza a experiência de viver na rua construindo fronteiras invisíveis pode potencializar a função de abrigo da roupa, mas para além disso temos ainda fatores de subjetividade que permitem a adaptação do espaço-roupa ao corpo e vice-versa. Subjetividade permeada pela liberdade que, apesar dos obstáculos, a vida nômade na cidade proporciona.

“Nos estados agudos do individuo que alcança o limiar de um mundo próprio, aparecem as sobrevivências compensadoras graciosamente apoiadas no ornamento e no desejo de criação. Encontramos pateticamente, nas ruas de toda parte, exemplares de homens e mulheres que perderam o controle dos seus desejos e das suas angustias e que se apresentam vagando pela rua, discursando histericamente para um publico, às vezes imaginário. Exibem profuso aparato e ornamento, cobrem-se com flores e fitas, e cores e panos diversos que se desdobram, agradavelmente.

Marginais descontrolados que falam a um mundo próprio, o mundo da loucura e do sonho.

São estes os detentores da grande imaginação e da grande moda. São os supremos criadores da fantasia humana...e tão desprezados pelo povo que passa...”(CARVALHO, p.16, 2010)

¹ Termos utilizados respectivamente por Milton Santos, Paola Berenstein Jacques e João do Rio para ilustrar homens e mulheres que vagueiam pela cidade sem compromisso com a velocidade e as imposições da contemporaneidade.

² O termo desenvolvido por Flávio de Carvalho em sua coluna *Casa, homem e paisagem*, no Diário de São Paulo, em 1956 pode ser bem explicado por esse trecho: *“De tempos*

imemoráveis o homem em farrapos é um desclassificado, um posto de lado pela sociedade. Ele é o totalmente sem classe e sem hierarquia por ser o último, é o homem para o qual todas as portas se fecham. É ele um ser submetido permanentemente à dor, à miséria e ao desprezo. O homem em farrapos é o contrário do homem investido de autoridade, pela disciplina. A sua situação de último dos últimos o concede uma forma de libertação da disciplina hierárquica e por ser o último, está em estado semelhante a um estado anti-hierárquico de começo. Dor, miséria e desespero são os reagentes catalíticos que em contato com o homem provocam a importante reversão na indumentária". (CARVALHO, p.85, 2010)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Paula (org.). "Fios Soltos: a arte de Helio Oiticica". São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRITTO, Fabiana Dultra e JACQUES, Paola Berenstein. "Corpografias urbanas – Relações entre corpo e cidade". Anais da VIII Reunión de Antropologia del Mercosur, 2009. Disponível em:

<http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/GT%2070%20-%20Etnografia%20dos%20espa%C3%A7os%20p%C3%BAblicos%20urbanos%20entre%20pr%C3%A1ticas%20insurgentes%20de%20cidadania%20e%20express%C3%B5es/GT70-Ponencia%5BBritto-Jacques%5D.pdf>

CARVALHO, Flávio. A MODA E O NOVO HOMEM: Dialética da Moda. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

CASTILHO, K. e GALVÃO, D. (orgs.) "A moda do corpo, o corpo da moda". São Paulo: Ed. Esfera, 2002.

COSTA, Cacilda Teixeira da. "Roupa de Artista – o vestuário na obra de arte". São Paulo: IMESP, 2010.

FILHO, Cesar Oiticica Filho; VIEIRA, Ingrid (orgs.). "Encontros – Hélio Oiticica". Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

HERTZBERGER, Herman. "Lições de Arquitetura". São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JACQUES, Paola Berenstein. "Parangolés de Oiticica / Favelas de Kawamata". Paris: L'Harmattan, 2003. In BRAGA, Paula (org.). "Fios Soltos: a arte de Helio Oiticica". São Paulo: Perspectiva, 2008.

JACQUES, Paola Berenstein. "Corpografias Urbanas". *Arquitextos*, n.093. São Paulo: Portal Vitruvius, 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>

JACQUES, Paola Berenstein. "Elogio aos Errantes – Breve histórico das errâncias urbanas". *Arquitextos*, n.053. São Paulo: Portal Vitruvius, 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>

MATOS, Marcos Olegário Pessoa Gondim de. "Arquitetura Invisível: A "Casificação" do Espaço Urbano pelo Morador de Rua". Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.

MELLO, Márcia. "A moda nos espaços desterritorializados". *Anais do Colóquio de Moda*, 2008.

MELLO, Márcia; SABACK, Virgínia. "Os Modos e as Modas nas Construções Imagéticas da Cidade". *Anais do Colóquio de Moda*, 2007.

MESQUITA, Cristiane; PRECIOSA, Rosane (orgs.). "Moda em Ziguezague: Interfaces e Expansões". São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

PRECIOSA, Rosane. "Moda na filosofia". *Revista Dobra(s)*. vol.2 no.2 fev. 2008, p.40.

RESTANY, Pierre. "Hundertwasser: o Pintor-Rei das Cinco Peles". Köln: Taschen, 2003.

SALTZMAN, Andrea. "El cuerpo diseñado – Sobre la forma em el proyecto de la vestimenta". Buenos Aires: Paidós, 2007.

SALTZMAN, Andrea. "Vínculos". *Revista dObra(s)*, v. 4, n. 10, p. 50. São Paulo: Estação das Letras e Cores, outubro de 2010.

SANGIRARDI Jr. "Indumentária do Futuro". In CARVALHO, Flávio. *A MODA E O NOVO HOMEM: Dialética da Moda*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

SANTOS, MILTON. "Espaço e Método". São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, MILTON. "Pensando o espaço do homem". São Paulo: Hucitec, 1982.

SEMPER, Gottfried. "Style in the Technical and Tectonic Arts; or, Practical Aesthetics". Los Angeles : Getty Research Institute, 2004.

SOUZA, Gilda de Mello e. "O espírito das roupas – a moda no século dezenove". São Paulo: Companhia das Letras, 1987.